



CAPÍTULO 4

COMO A ALMA HUMANA CONHECE O QUE ESTÁ ACIMA DELA SEGUNDO TOMÁS DE AQUINO

André Ricardo Randazzo Gomes

INTRODUÇÃO

Neste capítulo, estudarei alguns textos do Tratado Sobre o Homem, que se encontram na Primeira Parte da *Suma de Teologia* de Tomás de Aquino, na questão 88¹. Nessa questão, Tomás pretende esclarecer como a alma humana conhece o que está acima dela. Assim, Tomás estabelece que: a alma humana, no estado da vida presente, não pode inteligir as substâncias imateriais em si mesmas (artigo 1), o nosso intelecto não pode chegar a inteligir as substâncias imateriais pelo conhecimento das coisas materiais (artigo 2), e Deus não é o primeiro que é conhecido pela mente humana (artigo 3). Cada artigo será dividido assim: primeiro, *o sed contra*, depois o corpo, e por fim cada objeção seguida de sua respectiva resposta. Então, quando se apresentar um texto de Tomás, iniciarei com a marcação: “[**Texto**]”, e quando se apresentar o meu respectivo comentário, iniciarei com a marcação: “[**Comentário**]”. Ao final, indicarei algumas referências bibliográficas que poderão ajudar a entender o assunto deste capítulo. Agora, podemos começar.

COMO A ALMA HUMANA CONHECE O QUE ESTÁ ACIMA DELA

O artigo 1 da questão 88 pergunta: a alma humana, de acordo com o estado da vida presente, pode inteligir por si mesmas as substâncias imateriais?

[**Texto**] *Em sentido contrário* está que se diz no livro da Sabedoria 9, 16: “O que está nos céus, quem o perscrutará”? Ora, tais substâncias são ditas estar nos céus, de acordo com Mateus 18, 10: “os anjos deles, nos céus etc”. Logo, as substâncias imateriais não podem ser conhecidas pela investigação humana.

¹ Usarei os textos em português da seguinte edição dessa obra: AQUINO, Tomás de. *Suma de Teologia: Primeira Parte, Questões 84-89*. Tradução e introdução de Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento. Uberlândia: Edufu, 2016.

[Texto] Em resposta cumpre dizer que, de acordo com a opinião de Platão, as substâncias imateriais, não só são inteligidas por nós, mas também são o que é inteligido primeiro por nós. Com efeito, Platão sustentou que as formas imateriais subsistentes, que chamava de ideias, eram os objetos próprios de nosso intelecto; assim, são inteligidas por nós, primeiramente e por si. O conhecimento da alma aplica-se, porém, às coisas materiais na medida em que a fantasia e os sentidos misturam-se com o intelecto. Donde, quanto mais o intelecto for depurado, tanto mais percebe a verdade inteligível do imaterial.

Comentário: Platão sustentou que as substâncias imateriais são aquilo que nós inteligimos primeiro. Para ele, o objeto próprio do nosso intelecto são as formas imateriais subsistentes, ou seja, as ideias, que nós inteligimos primeiramente e por si (essencialmente). Quanto às coisas materiais, nós as conhecemos na medida em que a fantasia e os sentidos misturam-se com o intelecto. Porém, quanto mais depurado for o nosso intelecto, mais poderemos perceber a verdade inteligível das coisas imateriais.

[Texto] Ora, de acordo com o juízo de Aristóteles, mais próximo do que experimentamos, nosso intelecto, de acordo com o estado da vida presente, tem uma referência natural às naturezas das coisas materiais; donde, nada inteligir senão virando-se para as fantasias, como é patente a partir do já dito [Q. 84, a. 7]. Assim, é manifesto que não podemos, de acordo com o modo de conhecimento por nós experimentado, inteligir primeiro e por si as substâncias imateriais que não caem sob o sentido e a imaginação.

Comentário: entretanto, na posição de Aristóteles, que pode ser comprovada pela nossa experiência, propõe-se que o nosso intelecto, no estado da vida presente, se refere naturalmente às naturezas das coisas materiais e só pode inteligir desde que se volte para as fantasias. Assim, no nosso modo de conhecer que experimentamos naturalmente, não podemos inteligir primeiramente e por si (essencialmente) as substâncias imateriais que não são apreendidas pelo sentido e pela imaginação.

[Texto] No entanto, Averróis, no Comentário do livro III *Sobre a alma*, sustenta que, no final, nesta vida o ente humano pode chegar a isto que é inteligir as substâncias separadas pela continuidade ou união conosco de uma certa substância separada, que chama de “intelecto agente”, o qual, com efeito, por ser uma substância separada, intelige naturalmente as substâncias separadas. Donde, quando estiver perfeitamente unido a nós, de tal modo que possamos inteligir perfeitamente por ele, inteligiremos também nós as substâncias separadas, assim como inteligimos agora as coisas materiais pelo intelecto possível unido a nós. Ora, sustenta que o intelecto agente une-se a nós como segue. De fato, como inteligimos pelo intelecto agente e pelos inteligíveis especulados, como é patente quando inteligimos as conclusões

pelos princípios inteligidos, é necessário que o intelecto agente compare-se aos inteligidos especulados, seja como o agente principal aos instrumentos, seja como a forma à matéria. Com efeito, destes dois modos alguma ação é atribuída a dois princípios: ao agente principal e ao instrumento, como o corte ao artesão e à serra; à forma e ao substrato, como a calefação ao calor e ao fogo. De ambos os modos o intelecto agente comparar-se-á aos inteligíveis especulados como a perfeição ao perfectível e o ato à potência.

Comentário: porém, Averróis sustenta que no final desta vida nós podemos chegar a inteligir perfeitamente as substâncias separadas através de uma continuidade ou união entre nós e uma certa substância separada que é o intelecto agente, o qual intelige naturalmente as substâncias separadas. O intelecto agente está para os objetos inteligíveis assim como o agente principal está para os instrumentos, ou assim como a forma está para a matéria, ou assim como a perfeição está para o que é perfectível, ou assim como o ato está para a potência.

[**Texto**] Ora, o perfeito e a perfeição são recebidos simultaneamente em algo, como o visível em ato e a luz na pupila. Logo, os inteligidos especulados e o intelecto agente são recebidos simultaneamente no intelecto possível. Quanto mais inteligidos especulados recebemos, tanto mais nos aproximamos de que o intelecto agente una-se perfeitamente a nós. De modo que, quando conhecermos todos os inteligidos especulados, o intelecto agente unir-se-á perfeitamente a nós e poderemos, por ele, conhecer tudo o que há de material e imaterial. Põe nisto a felicidade última do ente humano. Nem importa, no caso presente, se neste estado de felicidade o intelecto possível intelige as substâncias separadas pelo intelecto agente, como ele opina, ou se, como ele atribui a Alexandre, o intelecto possível nunca intelige as substâncias separadas (pelo fato de que sustenta que o intelecto possível é corruptível), mas o ente humano intelige as substâncias separadas pelo intelecto agente.

Comentário: ainda segundo Averróis, assim como recebemos simultaneamente o objeto visível em ato e a luz na pupila, assim também os objetos inteligidos e o intelecto agente são recebidos simultaneamente no intelecto possível. Quanto mais objetos inteligidos recebemos, tanto mais nos aproximamos da união perfeita entre nós e o intelecto agente. Até que, quando conhecermos todos os objetos inteligidos, a união entre nós e o intelecto agente será perfeita e nós poderemos, por ele, conhecer tudo o que há de material e imaterial. Para Averróis, isto seria a felicidade última do homem. Tanto faz se, neste estado de felicidade, o intelecto possível intelige as substâncias separadas através do intelecto agente, ou se o intelecto possível nunca intelige as substâncias separadas, mas permaneceria a tese de que o ser humano intelige as substâncias separadas através do intelecto agente.

[Texto] Ora, o que precede não se sustenta. Primeiro, porque, se o intelecto agente fosse uma substância separada, seria impossível que inteligíssemos formalmente por ela, pois aquilo pelo que o agente age formalmente é uma forma e ato do agente, visto que todo agente age na medida em que está em ato. Como foi dito também acima acerca do intelecto possível [Q. 76, a. 1].

Comentário: porém, essa opinião não se sustenta, por seis razões. Primeiro, porque, se o intelecto agente for postulado como uma substância separada, seria impossível que nós inteligíssemos por meio dele, pois nós só podemos operar por meio daquilo que é nossa forma e ato, visto que todo agente opera apenas na medida em que está em ato.

[Texto] Em segundo lugar, porque, de acordo com o modo supracitado, o intelecto agente, se for uma substância separada, não se unirá a nós de acordo com sua substância, mas apenas sua luminosidade, na medida em que for participada nos inteligidos especulados e não quanto às demais ações do intelecto agente, de modo que possamos, por isso, inteligir as substâncias imateriais. Assim, quando vemos as cores iluminadas pelo sol, a substância do sol não se une a nós, de modo a podermos executar as ações do sol; apenas se une a nós a luminosidade do sol para a visão das cores.

Comentário: segundo, porque, se o intelecto agente for postulado como uma substância separada, ele só poderá unir-se a nós segundo a sua luminosidade e não segundo a sua substância, e assim a sua luz seria apenas participada pelos objetos inteligidos, e aquela união não se estenderia às demais ações do intelecto agente. Assim também, quando vemos as cores iluminadas pelo sol, o que se une a nós não é a substância do sol, mas apenas a luminosidade do sol, e por isso não podemos executar as demais ações do sol.

[Texto] Em terceiro lugar, porque, dado que de acordo com o modo supracitado, a substância do intelecto agente se unisse a nós, no entanto eles não sustentam que o intelecto agente se une totalmente a nós de acordo com um inteligível ou dois, mas de acordo com todos os inteligidos especulados. Ora, todos os inteligidos especulados são deficientes em relação à capacidade do intelecto agente, pois é muito mais inteligir as substâncias separadas do que inteligir tudo o que há de material. Donde, ser manifesto que, mesmo inteligido tudo o que há de material, o intelecto não se uniria a nós de tal modo que pudéssemos inteligir por ele as substâncias separadas.

Comentário: terceiro, porque, mesmo que o intelecto agente se unisse a nós segundo a sua substância, tal opinião postula que tal união se relacionaria com todos os objetos inteligidos. Porém, todos os objetos inteligidos ainda estão abaixo da capacidade do intelecto agente, pois inteligir as substâncias separadas é algo

muito maior do que inteligir todas as coisas materiais. Portanto, mesmo que nós pudéssemos inteligir todas as coisas materiais, isso não significaria que poderíamos inteligir as substâncias separadas por meio do intelecto agente.

[Texto] Em quarto lugar, porque inteligir todos os inteligidos materiais mal acontece a alguém neste mundo; assim, ninguém ou poucos chegariam à felicidade; o que é contra o Filósofo no livro I da *Ética*, que diz que a felicidade é “um certo bem comum, que pode chegar a todos não impedidos para a virtude”. É também contra a razão que, raramente consigam o fim de alguma espécie, os que estão contidos sob a espécie.

Comentário: quarto, porque inteligir todos os objetos materiais é algo raramente alcançado por alguém neste mundo, e, então, ninguém ou poucos alcançariam a felicidade. Mas, segundo Aristóteles, o que ocorre na realidade é o contrário, pois a felicidade é um tipo de bem comum, que todos os não impedidos podem alcançar. Ademais, é contra a razão supor que os membros de uma espécie raramente consigam alcançar o fim próprio de sua espécie.

[Texto] Em quinto lugar, porque o Filósofo diz expressamente no livro I de *Ética* que a felicidade é “a operação de acordo com a virtude perfeita”. Tendo enumerado muitas virtudes, conclui no livro X que a felicidade última, que consiste no conhecimento do que é inteligível ao máximo, se dá de acordo com a virtude da sabedoria, que sustentou, no livro VI, ser a cabeça das ciências especulativas. Donde, ser patente que Aristóteles pôs a felicidade última do ente humano no conhecimento das substâncias separadas, que pode obter-se pelas ciências especulativas e não pela continuidade com o intelecto agente imaginada por alguns.

Comentário: quinto, porque, segundo Aristóteles, a felicidade é a operação de acordo com a virtude perfeita. Mas a virtude perfeita, segundo Aristóteles, é a virtude da sabedoria, que é a principal das ciências especulativas e é aquela pela qual são conhecidas as coisas maximamente inteligíveis. Logo, a felicidade última, segundo Aristóteles, é o conhecimento das substâncias separadas, o qual é alcançado por meio das ciências especulativas e não por meio de uma continuidade com o intelecto agente.

[Texto] Em sexto lugar, porque acima [Q. 79, a. 4] foi mostrado que o intelecto agente não é uma substância separada, mas uma capacidade da alma, estendendo-se ativamente ao mesmo a que se estende receptivamente o intelecto possível; pois, como se diz no livro III *Sobre a alma*, o intelecto possível é “o pelo que pode tornar-se tudo” e o intelecto agente “o pelo que pode tudo fazer”. Logo, ambos os intelectos se estendem, de acordo com o estado da vida presente, apenas ao que há de material, que o intelecto agente torna inteligível em ato, e é recebido no intelecto possível. Donde, de acordo com o estado da vida presente, nem pelo intelecto possível, nem pelo intelecto agente podemos inteligir as substâncias imateriais de acordo consigo mesmas.

Comentário: sexto, porque o intelecto agente não é uma substância separada, mas uma potência da alma. Em relação aos mesmos objetos cognoscíveis, o intelecto agente se refere ativamente e o intelecto possível se refere receptivamente. Pois pelo intelecto agente a alma pode fazer todos os objetos, e pelo intelecto possível a alma pode tornar-se todos os objetos. Assim, no estado da vida presente, o intelecto agente e o intelecto possível versam apenas sobre coisas materiais. Aquilo que o intelecto agente torna inteligível em ato é recebido no intelecto possível. Assim, no estado da vida presente, não podemos inteligir as substâncias imateriais em si mesmas, nem pelo intelecto agente e nem pelo intelecto possível.

[**Texto**] Primeira objeção. Com efeito, Agostinho diz no livro IX *Sobre a Trindade*: “A própria mente, assim como colige as notícias das coisas corpóreas pelos sentidos do corpo, assim também as das coisas incorpóreas por si mesma”. Ora, tais são as substâncias imateriais. Logo, a mente intelige as substâncias imateriais.

[**Texto**] Ao primeiro argumento, portanto, cumpre dizer que desta autoridade de Agostinho pode se obter que aquilo que nossa mente pode captar acerca do conhecimento das coisas incorporais, ela o pode conhecer por si mesma. Isto, tanto é verdade que mesmo entre os filósofos diz-se que a ciência da alma é um certo princípio para conhecer as substâncias separadas. Com efeito, pelo fato de que nossa alma conhece-se a si mesma, chega a possuir um certo conhecimento acerca das substâncias incorpóreas, tal como lhe cabe ter; não que as conheça pura e simplesmente e perfeitamente, conhecendo-se a si mesma.

Comentário: a objeção diz que, segundo Agostinho, a mente humana intelige as substâncias imateriais, porque, assim como adquirimos conhecimento das coisas corpóreas pelos sentidos, assim também adquirimos conhecimento das coisas incorpóreas pela própria mente. Em resposta, deve-se dizer que até mesmo entre os filósofos diz-se que a ciência sobre a alma é um certo princípio para conhecer as substâncias separadas. Assim, na medida em que a nossa alma se conhece a si mesma, ela chega a adquirir algum conhecimento sobre as substâncias incorpóreas, mas sem as conhecer absolutamente e perfeitamente.

[**Texto**] Segunda objeção. Além disso, o semelhante é conhecido pelo semelhante. Ora, a mente humana assemelha-se mais às coisas imateriais do que às materiais; pois, a própria mente é imaterial, como é patente pelo dito acima [Q. 76, a. 1]. Logo, visto que a nossa mente intelige as coisas materiais, intelige muito mais as coisas imateriais.

[**Texto**] Ao segundo cumpre dizer que a semelhança da natureza não é uma noção suficiente para o conhecimento; do contrário, seria preciso dizer o que Empédocles disse, que a alma fosse da natureza de tudo para que conhecesse tudo. Ora, requer-se, para conhecer, que a semelhança da coisa esteja no cognoscente

como uma certa forma dele. Ora, o nosso intelecto possível, de acordo com o estado da vida presente, é naturalmente destinado a ser enformado pelas semelhanças das coisas materiais abstraídas das fantasias; por isso, conhece mais o que é material do que as substâncias imateriais.

Comentário: a objeção diz que a mente humana intelige as coisas imateriais, pois a própria mente é imaterial, e por semelhança pode conhecer coisas imateriais. Em resposta, deve-se dizer que a semelhança não é suficiente para o conhecimento. No estado da vida presente, o nosso intelecto possível tem a aptidão natural para conhecer as coisas materiais, recebendo as semelhanças delas que são abstraídas das fantasias, e por isso conhece mais as coisas materiais do que as substâncias imateriais.

[**Texto**] Terceira objeção. Além disso, que o que é de acordo consigo maximamente sensível não seja maximamente sentido por nós provém do fato de que a excelência do sensível corrompe o sentido. Ora, a excelência do inteligível não corrompe o intelecto como se diz no livro III *Sobre a alma*. Logo, o que é de acordo consigo maximamente inteligível é também maximamente inteligível para nós. Ora, visto as coisas materiais não serem inteligíveis senão porque as tornamos inteligíveis em ato, abstraindo da matéria, é manifesto que sejam, de acordo consigo, mais inteligíveis as substâncias que, de acordo com sua natureza, são imateriais. Logo, são muito mais inteligidas por nós que as coisas materiais.

[**Texto**] Ao terceiro cumpre dizer que requer-se alguma proporção do objeto para com a potência cognoscitiva, como do ativo para com o passivo e da perfeição para com o perfectível. Donde, a razão de que os sensíveis por excelência não sejam captados pelo sentido, não é apenas porque corrompem os órgãos sensíveis, mas também porque são desproporcionados com as potências sensitivas. Deste modo, as substâncias imateriais são desproporcionadas com nosso intelecto, de acordo com o estado presente, de modo que não podem ser inteligidas por ele.

Comentário: a objeção diz que aquilo que é maximamente sensível não pode ser maximamente sentido por nós, porque acaba corrompendo o sentido, mas aquilo que é maximamente inteligível não corrompe o intelecto; por isso, as substâncias imateriais são muito mais inteligidas por nós do que as coisas materiais. Em resposta, deve-se dizer que a razão pela qual as coisas maximamente sensíveis não são captadas pelo sentido é que elas não são proporcionadas às potências sensitivas. No estado da vida presente, as substâncias imateriais também não são proporcionadas ao nosso intelecto, e por isso não podem ser inteligidas por ele.

[**Texto**] Quarta objeção. Além disso, o Comentador diz no livro II da *Metafísica* que se as substâncias abstratas não pudessem ser inteligidas por nós, então “a natureza agiria ociosamente, pois fez o que é em si naturalmente inteligido, não inteligido por alguém”. Ora, nada é ocioso ou em vão na natureza. Logo, as substâncias imateriais podem ser inteligidas por nós.

[Texto] Ao quarto cumpre dizer que esta razão do Comentador é deficiente de muitos modos. Primeiro, com efeito, porque, se as substâncias separadas não são inteligidas por nós, não se segue que não sejam inteligidas por nenhum intelecto; de fato, são inteligidas por si mesmas e umas pelas outras. Segundo, porque não é fim das substâncias separadas que sejam inteligidas por nós. Ora, diz-se que é ocioso e em vão o que não consegue o fim para o qual é. Assim, não se segue que as substâncias imateriais são em vão, ainda que de modo nenhum fossem conhecidas por nós.

Comentário: a objeção diz que as substâncias imateriais podem ser inteligidas por nós, porque, se não o pudessem, a natureza teria feito algo em vão, pois teria feito algo inteligível em si, mas que não pode ser inteligido, porém ela nada faz em vão. Em resposta, deve-se dizer que as substâncias separadas são inteligidas por si mesmas e umas pelas outras. Ademais, o fim das substâncias separadas não é serem inteligidas por nós. Portanto, a existência delas não é em vão, mesmo que elas não possam ser conhecidas por nós.

[Texto] Quinta objeção. Além disso, assim como o sentido está para os sensíveis, assim também o intelecto está para os inteligíveis. Ora, a nossa vista pode ver todos os corpos, quer sejam superiores e incorruptíveis, quer sejam inferiores e corruptíveis. Logo, nosso intelecto pode inteligir todas as substâncias inteligíveis, mesmo as superiores e imateriais.

[Texto] Ao quinto compete dizer que o sentido conhece do mesmo modo, tanto os corpos superiores como os inferiores, a saber, por uma imutação do órgão pelo sensível. Ora, não são inteligidas por nós, do mesmo modo, as substâncias materiais, que são inteligidas a modo de abstração, e as substâncias imateriais, que não podem ser inteligidas assim por nós, pois não há algumas fantasias delas.

Comentário: a objeção diz que as substâncias imateriais podem ser inteligidas pelo nosso intelecto, pois, assim como a nossa vista pode ver os todos os corpos, sejam eles inferiores e corruptíveis ou superiores e incorruptíveis, assim também o nosso intelecto pode inteligir as todas as substâncias, sejam elas inferiores e materiais ou superiores e imateriais. Em resposta, deve-se dizer que o sentido conhece os corpos inferiores e os superiores do mesmo modo, a saber, na medida em que ele é afetado em seu órgão pela coisa sensível. Entretanto, as substâncias materiais e as imateriais não são inteligidas do mesmo modo, pois as substâncias materiais são inteligidas por abstração, ao passo que as substâncias imateriais não podem ser inteligidas por abstração, visto que não existem fantasias delas.

O artigo 2 da questão 88 pergunta: o nosso intelecto, pelo conhecimento das coisas materiais, pode chegar a inteligir as substâncias imateriais?

[Texto] *Em sentido contrário* está que Dionísio diz no capítulo 1 dos *Nomes divinos* que “os inteligíveis não podem ser apreendidos pelos sensíveis, nem os simples pelos compostos, nem os incorporais pelos corporais”.

[Texto] *Em resposta* cumpre dizer que, assim como Averróis narra no livro III *Sobre a alma*, alguém de nome Avempace sustentou que podemos chegar, de acordo com os princípios verdadeiros da filosofia, a inteligir as substâncias imateriais, pela intelecção das substâncias materiais. Com efeito, como nosso intelecto é por natureza destinado a abstrair a quididade de coisa material da matéria, se de novo naquela quididade houver algo de matéria, poderá abstrair de novo. Como isto não procede ao infinito, poderá enfim chegar a inteligir alguma quididade que é totalmente sem matéria. Isto é inteligir uma substância imaterial.

Comentário: Averróis relata que Avempace sustentou que, seguindo os princípios verdadeiros da filosofia, nós podemos chegar a inteligir as substâncias imateriais pela intelecção das substâncias materiais, da seguinte maneira. Nossa intelecto naturalmente abstrai a quididade (essência) de uma coisa material, e, se ainda houver algo material, poderá abstrair de novo. Como essas operações não podem ser repetidas infinitamente, o intelecto chegará finalmente a inteligir uma quidade (essência) que é totalmente sem matéria, e isso é inteligir uma substância imaterial.

[Texto] O que, de fato, seria dito com mais efetividade, se as substâncias imateriais fossem formas e espécies do que é material, como os platônicos sustentaram. Ora, não se sustentando isto, mas supondo-se que as substâncias imateriais são de noção totalmente diversa das quididades das coisas materiais, por mais que o nosso intelecto abstraia da matéria uma quididade de coisa material, nunca chega a algo semelhante a uma substância imaterial. Por isso, não podemos inteligir perfeitamente as substâncias imateriais, pelas substâncias materiais.

Comentário: essa opinião só seria válida se as substâncias imateriais fossem formas e espécies das coisas materiais, o que é afirmado pelos platônicos. Porém, a posição platônica é errônea, pois a natureza das substâncias imateriais é totalmente diferente da natureza das substâncias materiais. Por isso, por mais que o nosso intelecto abstraia seguidamente a quididade (essência) de uma coisa material, nunca chegará a algo semelhante a uma substância imaterial. Portanto, não podemos inteligir perfeitamente as substâncias imateriais pelas substâncias materiais.

[Texto] Primeira objeção. Com efeito, Dionísio diz no capítulo 1 da *Hierarquia celeste* que “não é possível à mente humana ser elevada à contemplação imaterial das hierarquias celestes a não ser que se utilize do guia material a si adequado”. Resta, pois, que podemos ser guiados pelo que é material para inteligir as substâncias imateriais.

[Texto] Ao primeiro argumento, portanto, cumpre dizer que, a partir das coisas materiais podemos ascender a um certo conhecimento das coisas imateriais, não porém a um conhecimento perfeito, pois não há um paralelo suficiente das coisas materiais para com as imateriais, mas as semelhanças, que acaso são tomadas das materiais para inteligir as imateriais, são muito dessemelhantes, como Dionísio diz no capítulo 2 da *Hierarquia celeste*.

Comentário: a objeção diz que podemos ser guiados pelas coisas materiais para inteligir as substâncias imateriais, porque Dionísio afirma que a mente humana só pode ser elevada à contemplação das hierarquias celestes desde que use um guia material. Em resposta, deve-se dizer que, a partir das coisas materiais, podemos ascender a algum conhecimento das coisas imateriais, mas esse conhecimento não pode ser perfeito, pois não há uma proporção suficiente entre as coisas materiais e as coisas imateriais, que são muito dessemelhantes entre si.

[Texto] Segunda objeção. Além disso, a ciência está no intelecto. Ora, há ciências e definições acerca das substâncias imateriais, pois Damasceno define o anjo, e são transmitidos alguns ensinamentos acerca dos anjos, tanto nas disciplinas teológicas como nas filosóficas. Logo, as substâncias imateriais podem ser inteligidas por nós.

[Texto] Ao segundo, cumpre dizer que nas ciências trata-se das coisas superiores sobretudo pela via de remoção; assim, com efeito, Aristóteles dá a conhecer os corpos celestes pela negação das propriedades dos corpos inferiores. Donde, muito mais, as substâncias imateriais não poderem ser conhecidas por nós de modo que apreendamos suas quididades; a respeito delas nos são transmitidos ensinamentos nas ciências, por via de remoção e de alguma referência às coisas materiais.

Comentário: a objeção diz que as substâncias imateriais podem ser inteligidas por nós, pois nas disciplinas teológicas e nas filosóficas existem ciências e definições sobre as substâncias imateriais. Em resposta, deve-se dizer que, segundo Aristóteles, devemos usar a via da remoção para tratar dos corpos celestes; assim, conhecemos os corpos celestes pela negação das propriedades dos corpos inferiores. Portanto, nas ciências pertinentes, devemos usar muito mais a via da remoção para tratar das substâncias imateriais, pois não podemos de nenhum modo conhecer as quididades (essências) delas, e só podemos tratar delas pela via da remoção e por meio de alguma relação que elas tenham com as coisas materiais.

[Texto] Terceira objeção. Além disso, a alma humana é do gênero das substâncias imateriais. Ora, ela pode ser inteligida por nós pelo seu ato, pelo qual intelige o que é material. Logo, as outras substâncias imateriais também podem ser inteligidas por nós, pelos seus efeitos nas coisas materiais.

[Texto] Ao terceiro, cumpre dizer que a alma humana intelige a si mesma, pelo seu inteligir, que é seu ato próprio, que demonstra perfeitamente sua capacidade e sua natureza. Mas, nem por isto, nem pelo que ademais se encontra nas coisas materiais pode ser perfeitamente conhecida a capacidade e a natureza das substâncias imateriais, pois estes que tais não se equiparam às capacidades delas.

Comentário: a objeção diz que as substâncias imateriais podem ser inteligidas por nós pelos seus efeitos nas coisas materiais, pois nós podemos inteligir a alma humana, que é imaterial, por meio da intelecção do seu ato que intelige coisas materiais. Em resposta, deve-se dizer que a alma humana intelige a si mesma pelo seu ato de inteligir, e isso pode demonstrar perfeitamente a capacidade e a natureza da alma. No entanto, pelos efeitos nas coisas materiais não podemos conhecer perfeitamente a capacidade e a natureza das substâncias imateriais, porque não há proporção entre a capacidade e a natureza das substâncias imateriais e as das coisas materiais.

[Texto] Quarta objeção. Além disso, somente aquela causa que dista ao infinito de seus efeitos não pode ser compreendida pelos seus efeitos. Ora, isto é próprio somente de Deus. Logo, as outras substâncias imateriais criadas podem ser inteligidas por nós, pelas coisas materiais.

[Texto] Ao quarto, cumpre dizer que as substâncias imateriais criadas, com efeito, não se reúnem com as substâncias materiais num gênero natural, pois não há nelas a mesma noção de potência e matéria. Reúnem-se, no entanto, com elas num gênero lógico, pois mesmo as substâncias imateriais estão no predicamento da substância, visto sua quididade não ser o seu ser. Mas, Deus não se reúne com as coisas materiais, nem de acordo com um gênero natural, nem de acordo com um gênero lógico, pois Deus de maneira nenhuma está num gênero, como foi dito acima [Q. 3, a. 5]. Donde, pelas semelhanças das coisas materiais, algo poder ser conhecido afirmativamente acerca dos anjos, de acordo com uma noção comum, embora não de acordo com a noção da espécie; no entanto, acerca de Deus, de modo nenhum.

Comentário: a objeção diz que as substâncias imateriais criadas, que não são Deus, podem ser inteligidas por nós pelas coisas materiais, porque elas não são tão distantes de nós como Deus o é. Em resposta, deve-se dizer que as substâncias imateriais criadas não pertencem ao mesmo gênero natural que as substâncias materiais, visto que existe uma diferença de potência e matéria entre elas, mas ambas pertencem ao mesmo gênero lógico, que é o da substância, visto que ambas têm em comum o fato de que a sua essência não é o seu ser. Porém, Deus e as coisas materiais não pertencem ao mesmo gênero natural e nem ao mesmo gênero lógico. Portanto, pelas semelhanças de coisas materiais, é possível conhecer afirmativamente algo sobre os anjos, ou seja, de acordo com uma noção comum, mas não de acordo com a noção da espécie; porém, por tais semelhanças, não é possível conhecer Deus de acordo com tais noções.

O artigo 3 da questão 88 pergunta: Deus é o primeiro que é conhecido pela mente humana?

[Texto] *Em sentido contrário* está que se diz em João 1, 18; “Ninguém jamais viu a Deus”.

[Texto] *Em resposta* cumpre dizer que, como o intelecto humano, de acordo com o estado de vida presente, não pode inteligir as substâncias imateriais criadas, como foi dito [a. 1], muito menos pode inteligir a essência da substância incriada. Donde, pura e simplesmente cumprir dizer que Deus não é o primeiro que é conhecido por nós; mas antes, pelas criaturas, chegamos ao conhecimento de Deus, de acordo com o que diz o Apóstolo aos *Romanos* 1, 20; “o que é invisível de Deus é divisado pela intelecção do que foi feito”. Logo, o primeiro que é inteligido por nós, de acordo com o estado da vida presente, é a quididade da coisa material que é o objeto do nosso intelecto, como foi dito acima muitas vezes [Q. 84, a. 7; Q. 85, a. 8; Q. 87, a. 2, ad 2m].

Comentário: no estado da vida presente, o intelecto humano não pode inteligir as substâncias imateriais criadas, muito menos a essência da substância incriada. Deus não é o primeiro que é conhecido por nós. Mas pelas criaturas chegamos ao conhecimento de Deus, como se diz na Sagrada Escritura. No estado da vida presente, o primeiro que é inteligido por nós é a quididade (essência) da coisa material, e este é o objeto próprio do nosso intelecto.

[Texto] Primeira objeção. Com efeito, aquilo no que tudo mais é conhecido e pelo que julgamos acerca dos demais é conhecido primeiro por nós, assim como a luz pelo olho e os primeiros princípios pelo intelecto. Ora, conhecemos tudo na luz da verdade primeira e, por ela, julgamos acerca de tudo, como diz Agostinho no livro *Sobre a Trindade* e no livro *Sobre a verdadeira religião*. Logo, Deus é o que é conhecido primeiro por nós.

[Texto] Ao primeiro argumento, portanto, cumpre dizer que inteligimos e julgamos tudo na luz da verdade primeira, na medida em que o próprio lume do nosso intelecto, quer natural, quer gratuito, nada mais é que uma certa impressão da verdade primeira, como foi dito acima [Q. 12, a. 11; Q. 84, a. 5]. Donde, como o próprio lume do nosso intelecto não está para o nosso intelecto como o que é inteligido, mas como o pelo que se intelige, muito menos Deus é o que é inteligido primeiro pelo nosso intelecto.

Comentário: a objeção diz que Deus é o que é conhecido primeiro por nós, porque, assim como a luz é a primeira coisa conhecida pelo olho e os primeiros princípios são a primeira coisa conhecida pelo intelecto, assim também a luz da verdade primeira, que é Deus, é a primeira coisa conhecida por nós e nela conhecemos e julgamos todas as outras coisas. Em resposta, deve-se dizer que a luz do nosso

intelecto (natural ou gratuita) é uma certa impressão da verdade primeira. No entanto, essa luz não é aquilo que é inteligido, mas aquilo pelo qual nós inteligimos, e por isso Deus não é o que é primeiro inteligido por nós.

[**Texto**] Segunda objeção. Além disso, “aquilo por quê cada um, também ele mais ainda”. Ora, Deus é a causa de todo nosso conhecimento, pois ele é “a luz verdadeira, que ilumina todo homem que vem a este mundo” como se diz em João 1, 9. Logo, Deus é aquilo que é conhecido primeiro e ao máximo, por nós.

[**Texto**] Ao segundo cumpre dizer que “aquilo por quê cada um, também ele mais ainda” cumpre ser entendido no que é de uma mesma ordem, como foi dito acima [Q. 87, a. 2, ad 3m]. Ora, o demais é conhecido por causa de Deus, não como por causa do primeiro conhecido, mas como por causa primeira da capacidade cognoscitiva.

Comentário: a objeção diz que Deus é o que é conhecido primeiro por nós, pois ele é a causa de todo o conhecimento que temos das outras coisas. Em resposta, deve-se dizer que as outras coisas são conhecidas por causa de Deus, mas isso não quer dizer que Deus é a primeira coisa que conhecemos, e sim que Deus é a causa primeira da nossa potência cognoscitiva (intelecto).

[**Texto**] Terceira objeção. Além disso, aquilo que é conhecido primeiro na imagem é o modelo pelo qual a imagem é formada. Ora, a imagem de Deus está na nossa mente, como diz Agostinho. Logo, aquilo que é conhecido primeiro em nossa mente é Deus.

[**Texto**] Ao terceiro cumpre dizer que, se em nossa alma estivesse a imagem perfeita de Deus, como o Filho é a imagem perfeita do Pai, a nossa mente inteligiria Deus imediatamente. Está, porém, uma imagem imperfeita. Donde, a razão não se seguir.

Comentário: a objeção diz que Deus é o que é conhecido primeiro por nós, porque a imagem de Deus está na nossa mente, e aquilo que é conhecido primeiro na imagem é o modelo a partir do qual a imagem é formada. Em resposta, deve-se dizer que, se a imagem perfeita de Deus estivesse em nossa mente, a nossa mente inteligiria Deus imediatamente. Porém, em nossa mente só está a imagem imperfeita de Deus. Portanto, Deus não é o que é conhecido primeiro por nós.

CONCLUSÃO

Para finalizar, eu gostaria de indicar algumas partes de livros que poderão ajudar a compreender a doutrina de Tomás de Aquino sobre como a alma humana conhece o que está acima dela. No livro de Robert Pasnau (*Thomas Aquinas on human nature: A philosophical study of Summa theologiae 1a 75-89*. Cambridge:

Cambridge University Press, 2002), não há uma seção dedicada a esse assunto, mas pode-se ver o capítulo 11 (“Knowing the mind”). No livro de George Klubertanz (*The philosophy of human nature*. New York: Appleton-Century-Crofts, 1953), pode-se ver o capítulo 8 (“The intellect”). E no livro de Robert Brennan (*Thomistic psychology: A philosophic analysis of the nature of man*. New York: The Macmillan Company, 1941), não há uma seção dedicada a esse assunto, mas pode-se ver o capítulo 7 (“The intellectual knowledge of man”).

REFERÊNCIAS

AQUINO, Tomás de. *Suma de Teologia: Primeira Parte, Questões 84-89*. Tradução e introdução de Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento. Uberlândia: Edufu, 2016.

BRENNAN, Robert E. *Thomistic psychology: A philosophic analysis of the nature of man*. New York: The Macmillan Company, 1941.

KLUBERTANZ, George P. *The philosophy of human nature*. New York: Appleton-Century-Crofts, 1953.

PASNAU, Robert. *Thomas Aquinas on human nature: A philosophical study of Summa theologiae 1a 75-89*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.